



JUSCELINO KUBITSCHKEK

O Verdadeiro Desbravador do Planalto Central

Weller Marcos

INTRODUÇÃO

Existe uma dívida de gratidão que precisa ser resgatada no processo histórico do Brasil Central, pois, ainda que figura de projeção internacional, respeitada pela sua genialidade criadora e realizadora, o ex-presidente brasileiro Juscelino Kubitschek de Oliveira, não tem sido por nós mato-grossenses, reverenciado na medida justa de sua glória. É um resgate que queremos fazer na construção deste trabalho que integra a produção literária e cultural na comemoração dos 80 anos de nosso querido Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso.

Não poderia a mim ter sido dada honra mais dignificante, o que tanto orgulho me proporciona. Primeiro, por ser mineiro de Ouro Preto; segundo, por ter tido a felicidade, no tempo ainda moço de minha vida, de poder partilhar com meus pais, irmãos e centenas de amigos (nos idos tempos de 1958), da epopéia de construção da Nova Capital do Brasil, em terras goianas. Hoje, uma cidade metrópole, permanentemente, integrada ao nosso Brasil Central.

Honrado também, foi meu pai, mineiro como eu e JK, em ter podido plantar naquele chão pioneiro de Brasília a sua primeira tipografia, editando a Tribuna de Brasília. Este, o primeiro jornal impresso na nova capital, que dizia e mostrava, a todo o Brasil, particularmente, ao do litoral majestático da nossa colonização inicial, que Brasília não era apenas um sonho. Era uma realidade! A maior, das verdades que a instituição política nacional já produziu em todos os tempos!

Falar de Juscelino Kubitschek, o Nonô para a intimidade mineira, o JK, para a simplicidade brasileira é correr risco de ser sempre repetitivo, e até, temerariamente, insignificante; principalmente, pelo que já foi escrito na excelente autobiografia de JK, e o que dele falaram muitos mitos das letras brasileiras como Josué Montello, Murilo Melo Filho, Adolpho Bloch, Ricardo Maranhão entre tantos, e tantos outros milhares de biógrafos desse que foi um dos nossos maiores patrícios e contemporâneos.

Os antigos desbravadores do Brasil-Central foram com muita propriedade denominados bandeirantes. Eram, condutores das bandeiras paulistas, dos comboios de aventureiros que buscavam fortuna para o rei e para si, e índios para a escravidão. Acreditamos que não se deva chamar Juscelino de “bandeirante moderno”, o que ele conduziu não foi uma bandeira de escravocratas; mas, sim, uma legião de trabalhadores; não simples aventureiros; antes, liderou construtores e formadores de uma nova geração política nacional.

Para melhor ilustrar este nosso estudo, temos forçosamente que retornar ao alvorecer dos anos 50, quando a elite cultural e política brasileira ainda se concentrava, basicamente, no Rio de Janeiro, ramificando-se por São Paulo, com focos no nordeste e sul do País. Era esse o Brasil conhecido, dos livros; dos jornais (os mais importantes também editados naquele eixo), e das emissoras de rádio, que eram os principais veículos de comunicação da época, dimensionando o Brasil, sempre reportando os Estados do litoral como a realidade do desenvolvimento Nacional, e os do Brasil-Central como a terra misteriosa, selvagem, inóspita e atrasada: “O Inferno Verde”.

O Resgate para a História

O Brasil Central já mitificou um grande número de figuras de sua história. A maioria está, identificada como desbravadores, e o Marechal Rondon é o exemplo mais, habitualmente, citado e lembrado quando se quer narrar o episódio da civilização desta vasta região brasileira.

Os mato-grossenses, enaltecem, orgulhosos o trabalho indigenista e de penetração de Cândido Mariano nas inóspitas e selvagens áreas, do passado dessa região; erguendo a sua rede telegráfica, identificando os territórios indígenas, operando como verdadeiro catequista na relação dos povos primitivos com os novos ocupantes do chão brasileiro.

Enquanto, orgulham-se aqueles, da figura indomável desse verdadeiro soldado das selvas, Goiás, por sua vez, ufana-se dos bandeirantes até ali chegados, como o Anhanguera, por terem se antecipado, ainda que de forma drástica e violenta, no processo de ocupação e na abertura do desenvolvimento do Brasil-Central, consolidado com a fundação da cidade de Vila Boa de Goiás.

Não é necessário ir muito longe para se buscar exemplos de dezenas de outros mitos; verdadeiros “gigantes” desse chão cravado na história do Brasil, conquistado a ferro e fogo para a nossa carta geográfica. A Guerra do Paraguai, a Expedição

Roncador Xingu, a Fundação Brasil-Central, foram episódios marcantes, definitivamente identificados com este processo determinante que tingiu de verde-amarelo-azul e branco o torrão: ora, selva, cerrado, planalto; ora, pantanal vestido de plumárias mil. Aí, também, se alojam nomes os mais respeitados de nossa história, identificados com o sofrimento, audácia, coragem, determinação, e sobretudo civismo.

Comentar tais episódios, e homens, numa época globalizante como a que vivemos _perdida num clima de internacionalismo neo-liberal, com a humanidade sonhando o apocalíptico mundo sem fronteiras, quando nossa juventude já se mostra perdida, fugindo da identidade idiomática pátria, mergulhada na perplexidade do inusitado, nos faz acreditar, com uma certa ponta de decepção, que já não somos os brasileiros que fomos e jamais voltaremos a ser os nacionalistas que éramos!

O poeta, cantou que no meio do caminho havia uma pedra. A história nos ensina que no meio da estrada há um nome: Juscelino Kubitschek de Oliveira, de quem o Brasil Central já nem tanto se lembra e fala, e Mato Grosso já há muito esqueceu, embora jamais o pudesse fazer.

Uma idéia errônea sobre JK

É inaceitável, e até repulsiva, a idéia de que Juscelino foi um aventureiro sem qualquer perspectiva, um sonhador irresponsável segundo acusavam muitos de seus adversários políticos. Longe disso, era, verdadeiramente, um estrategista, sabendo o que fazer com as idéias e as oportunidades.

Ainda assim, muitos biógrafos preferem simbolizar a construção de Brasília, realizada por Juscelino Kubitschek, de forma simplista, como se nada tivesse sido planejado antecipadamente. Há, depoimentos históricos, bastante contraditórios sobre o assunto.

Murilo Melo Filho, em um dos bons textos escritos sobre Juscelino, acreditou nesta possibilidade quando narrou: *certo dia, em plena campanha eleitoral, o candidato Juscelino Kubitschek acabara de falar num comício na cidade goiana de Jataí. Como era de costume, franqueava depois ao público presente o direito de fazer lhe perguntas. Naquela vez, um popular adiantou-se e interpelou:*

— Já que o senhor se declara disposto a cumprir integralmente a Constituição, desejo saber se irá por em prática aquele dispositivo da Carta Magna, que determina a transferência da Capital da República para o planalto goiano. A pergunta era desconcertante. O candidato, com ajuda de uma equipe, já havia traçado os planos de governo, através das Metas. Em nenhuma delas, porém, havia referência a mudança da capital, cuja idéia me parecera um sonho irrealista.

Mas, naquele momento ele se deparava com o problema cara a cara. A mudança estava prevista na Constituição. Pensou um pouco e respondeu:

— Acabo de prometer que, cumprirei, na íntegra, a Constituição e não vejo razão para ignorar esse dispositivo. Durante o meu quinquênio, farei a

mudança da sede do governo e construirei a nova Capital.

Murilo Melo Filho, afirmaria ainda: *a partir daquele momento o Plano de Metas já estava alterado, para nele incluir-se a construção de Brasília, como meta síntese.*

Como vemos, o jornalista acreditava ter sido Brasília concebida por inspiração desse simples diálogo, e assim pensa ainda a maioria dos brasileiros.

Ernesto Silva, é outro que pensava da mesma forma. Médico da Fundação Hospitalar do Distrito Federal, foi Secretário da Comissão de Localização da Nova Capital, Presidente da Comissão de Planejamento da Construção e da Mudança da Capital e Diretor da Novacap- Cia. Urbanizadora da Nova Capital. Escreveu o livro *História de Brasília* uma das mais completas obras de pesquisa sobre a nova Capital e, é autor do seguinte depoimento: *Tudo começou no dia 4 de abril de 1955, em Jataí, cidade do interior de Goiás; segue o texto relatando a mesma história de Murilo Melo Filho.*

Porém é preciso saber que políticos são muito mais pertinazes do que imaginamos. Às vezes criam a situação favorável para poder germinar a semente de suas idéias. Não são tão simplistas; quase não dão muito valor ao que sugere o povo aos seus ouvidos! Seria Juscelino uma exceção da regra geral?

Naquelas eleições, o País ainda estava traumatizado com a morte do presidente Getúlio Vargas, ocorrida em 1954, e existiam inúmeras marchas e contra marchas que se articulavam contra o processo eleitoral democrático. Não havia clima para improvisações e aventura.

Eleito Juscelino Kubitschek presidente, o Congresso Nacional já tinha em seu Poder, aprovado desde o dia 19 de abril de 1956 o projeto de criação da Novacap-Companhia Urbanizadora da Nova Capital. Documento, por certo elaborado e estudado com mais tempo do que podia permitir o fluxo e refluxo de uma campanha política difícil e adversa, enfrentada pelo então candidato de Minas Gerais ao governo do País.

Como disse, anteriormente, os tempos conturbados da época não permitiam improvisos e aventuras. Ainda mais, audácia, como a de tirar da cidade chamada por todos os brasileiros de "Maravilhosa", o carimbo de Capital Nacional. É bem verdade, que não se deve anular o mérito histórico do interlocutor de Juscelino naquele comício, o "Toniquinho", ou Antônio Carvalho Soares, um modesto homem do interior. Também não se deve ignorar a sutileza do então candidato Juscelino quando afirmou ter sido "pego de surpresa", pois, todo o povo brasileiro de longa data já conhecia aquele quadrilátero que sempre aparecia em todos os mapas do Brasil, no centro do Estado de Goiás. Não é possível, imaginar, que JK jamais houvesse pensado no problema ao elaborar seu plano de Trinta Metas.

O mesmo Ernesto Silva, descuidadosamente, lembra no seu artigo *Brasília – A Síntese* que a idéia da interiorização da capital já estava envelhecida. Em 1789, os

inconfidentes a queriam transferir para São João del Rei. Mais tarde José Bonifácio, Hipólito da Costa, Varnhagem e tantos outros pugnaram pela transferência, para o Planalto Central. A Constituição de 1891 a inseriu em seu texto. Em 1922, o presidente Epitácio Pessoa mandou erigir um marco perto da cidade de Planaltina, inaugurado a 7 de setembro, data do centenário da Independência do Brasil, ao qual enganosamente lhe dão o nome de pedra fundamental.

Dando cumprimento ao que dispunha a Constituição de 1946, o General Dutra, que era mato-grossense de Cuiabá, mandou realizar trabalhos efetivos na região. Finalmente no Governo de Getúlio Vargas, em 1953, criou-se a COMISSÃO DE LOCALIZAÇÃO DA NOVA CAPITAL FEDERAL, primeiramente chefiada pelo general Caiado de Castro, um goiano, e mais tarde pelo marechal José Pessoa Cavalcante de Albuquerque.

ALGUMAS BIOGRAFIAS SENSATAS

Há, os que pensam de maneira diferente o processo, identificando-o a um resultado político e científico, como James Holston, em *A Cidade Modernista*, comenta: *Para Kubitschek, a analogia possibilitava-lhe alegar que, assinalando o epicentro do espaço nacional, a fundação de Brasília significava nada menos do que uma nova fundação do Brasil. Assumindo o epíteto de seu predecessor imperial, o Rei dom João III, o Povoador Kubitschek viu esse ato de fundar uma capital como o meio de estabelecer uma soberania irradiadora, para consolidar, civilizar e povoar seu país continente.*

Lembra, ainda, Holston, o próprio entendimento de Juscelino sobre o ato de mudança da capital: *Contudo, mantendo as apropriações caleidoscópicas características desse tipo de legitimação, a analogia de Kubitschek também se referia ao primeiro governador-geral do Brasil, Tomé de Souza. Em suas memórias (1975:369), ele descreve a missão de Tomé de Souza como uma versão de seu próprio projeto de desenvolvimento. "Os dois governantes", sugere ele, "chegaram às margens de uma terra vazia com dois planos nas mãos: um para a construção da capital (Salvador e Brasília), o outro para organização institucional da comunidade política (o Regimento de Governo do Brasil Colonial e as Leis Orgânicas de Brasília).*

O mesmo autor identifica o papel preponderante da imprensa no processo de recrutamento dos pioneiros e construtores de Brasília, utilizada com maestria pelo presidente. E aí, forçosamente há que se incluir o trabalho realizado no Núcleo Bandeirante a partir de 26 de janeiro de 1958, pelo semanário a Tribuna de Brasília – editado pelos jornalistas José Emiliano da Silva e Norton Camargo Passos; além de um grande grupo de outros jornalistas goianos e mineiros que compareceram na construção de Brasília, naquela hora de pioneirismo.

Lembra Houston que: Kubitschek promoveu sua campanha de recrutamento

por meio da imprensa, do rádio e da televisão. *Não que esta campanha fosse absolutamente necessária para pôr o projeto em marcha. Para isso ele tinha apenas de vencer a oposição no Congresso*".

Mesmo com excelente avaliação o autor comete o engano de não dar o devido valor ao trabalho da imprensa que motivou os pioneiros na construção de Brasília.

Diante dessas concepções é nos fácil deduzir que jamais haveria possibilidade de JK ter idealizado Brasília tendo por motivação um fato ocasional, imprevisto e improvisado, fora do Plano de Metas. Na verdade esta seria a carta que JK reservara para vencer o jogo contra seus adversários.

Uma excelente análise sobre JK nos é fornecida por Ricardo Maranhão, em *O Governo Juscelino Kubitschek*. O autor mostra um Juscelino cauteloso, prático e objetivo: *Juscelino Kubitschek de Oliveira fala sobre sua obra como governador de Minas Gerais. Refere-se a um final de mandato em que já tinha os olhos cobiçosos na cadeira de Presidente da República. Em poucas palavras, dá a sua visão política do desenvolvimento nacional. Não faz mal que as palavras tenham sido escritas em 1975, e trabalhadas pela elaboração de texto de Carlos Heitor Cony. O que importa é perceber aí a ideologia "desenvolvimentista" de JK, misturada ao mesmo tempo com a imagem nacional que projetou de sua conduta política. O mineiro de Diamantina além de trabalhar em silêncio como convém, conseguiu fazer um barulho dos diabos sobre alguns velhos sonhos da classe média brasileira, como o "desenvolvimento autônomo", a "industrialização" e a "democracia"*.

Mais adiante lembra Ricardo Maranhão: *Todos os elementos que figuram nas palavras de JK fazem parte de um linguajar ideológico que recupera várias décadas de aspirações políticas nacionais*.

Sugerimos, então, complementar o pensamento do autor de "Um mineiro que fez barulho", com a certeza de que entre essas aspirações, naturalmente, também estava a da mudança da capital.

A construção da Pampulha como referencial histórico

Juscelino travou com a Igreja Católica, quando Governador de Minas Gerais, uma luta sem trégua com o Bispo Dom Antonio Cabral que não ficou satisfeito com a construção da Igreja de São Francisco da Pampulha, idealizada por um arquiteto comunista como o era Oscar Niemeyer. Enquanto

em Belo Horizonte o bispo brigava com Juscelino, no Rio de Janeiro o Senado da República recebia para apreciação dos seus senadores, um projeto que autorizava o Executivo a nomear uma comissão e realizar estudos definitivos sobre a mudança da Capital da República para o Planalto Central. A imprensa carioca à época comentou: "O projeto foi sensatamente emendado para que sua marcha não se apresse e só possa estar aprovado nos próximos cem anos". E dizia também: "Aí então, nomeia-se a comissão especial que vai estudar em definitivo a mudança, depois virá outra comissão para examinar as conclusões da primeira e assim por diante".

Que relação poderia haver entre esses dois episódios ocorridos naquele longínquo ano de 1952? O que existiria em comum da divergência do bispo Dom Antonio Cabral com Juscelino, e um projeto de mudança da capital federal tramitando no Senado?

Antes é preciso entender o que acontecia no Brasil daquela época.

Na década de 50, florescia no País, uma expectativa modernizadora. Como já vimos, a elite cultural estava baseada no Rio de Janeiro e desacreditava da eficácia política dos governantes, a imprensa fazia pilhéria com a maioria deles. O fantasma do comunismo, desde o término da II Guerra Mundial, em 1945, aterrorizava essa parte do mundo, atrelada ao novo senhor da América, os Estados Unidos. Até intelectuais mais notáveis, como Augusto Frederico Schmidt declararam horrores ao regime russo, demonstrando grande equívoco: “Sou católico e não posso aceitar outra religião, outro credo. Um homem como eu dá um preço extraordinário à liberdade. Meu amor pela liberdade é uma coisa total. Só posso ver com horror o advento do comunismo, além de outras razões mais profundas” - dizia ele. Também Manuel Bandeira, o livre poeta se assustou: *Já perdi inteiramente a fé e esperança de ver o Brasil melhorar até os fins de meus dias... houve um tempo em que vi com bons olhos nossos comunistas. É que ainda não estava a par da política celerada deles. Por isso fui inocente útil. Coloquei meu nome em abaixo - assinados protestando contra a violência da polícia. Fui convidado e aceitei saudar Pablo Neruda, numa festa comunista. A pedido deles, levei Neruda e Nicolas Guillén à Academia e saudei-os lá...*

Então, é fácil deduzir que as coisas não eram tão simples assim. Intelectuais, homens declaradamente comunistas como Oscar Niemeyer e outros tantos valorosos gênios de sua época, não eram aceitos no mundo político e cultural, suficientemente vigiado em seu estado conservador.

Naquele mesmo período um outro grupo trabalhava a exposição da Arquitetura Brasileira, no Museu de Arte Moderna para homenagear a visita ao País do arquiteto suíço Le Corbusier. E quem era no Brasil o maior discípulo daquele verdadeiro gênio? Oscar Niemeyer, autor do polêmico projeto da igreja da Pampulha. Ele próprio o sabia, na sua condição de Arquiteto do Futurismo, ao dizer: *Na arquitetura moderna do Brasil se distinguem duas personalidades que exercem uma influência decisiva sobre minha formação: Lucio Costa e Le Corbusier.*

Foi na raiz desse acontecimento, dessa perspectiva criadora, desse novo contingente de arquitetos e engenheiros, revelados pela primeira vez numa exposição organizada pelo Serviço de Patrimônio Artístico e Histórico Nacional, em 1942, (em que foi exposto acervo fotográfico da arquitetura brasileira no livro “Brazil Builds”), que o futuro presidente da República Juscelino Kubitschek, buscou a base da construção de Brasília, a nova capital que não precisaria esperar tanto tempo, para ser construída, como imaginavam os jornalistas cariocas. Afinal, o protecionismo chauvinista para com o Rio de Janeiro, era, definitivamente, colocado por terra com a decisiva vontade de Juscelino de construir Brasília, durante seu governo, e de convidar para a tarefa,

justamente, a Lúcio Costa (O plano piloto), e a Oscar Niemeyer (projeto arquitetônico).

Está aí a confirmação daqueles momentos a que nos referimos atrás no presente estudo: A igreja de São Francisco da Pampulha, construída por JK em Belo Horizonte representou, na verdade, não só o início de uma revolução na arquitetura tradicional da Igreja Católica, revelada para o resto do Brasil mas também, o surgimento de uma moderna concepção da estrutura política e cultural que haveria de surgir de gênios como Niemeyer, e Lúcio Costa, ao construírem Brasília demonstrando que queriam identificar para o mundo uma nova Nação, muito diferente daquela dos séculos anteriores.

A luta modernista de JK na construção da UnB

A antiga indisposição de setores da Igreja Católica, que não aceitou em Minas a construção da Pampulha, com linhas modernas, aconteceu também na grande obra de construção da Universidade de Brasília. O professor Darcy Ribeiro é quem nos dá conhecimento do assunto: *Aí então ocorreram dois golpes contra a Universidade de Brasília. O primeiro golpe foi uma rasteira feia, mas generosa, afinal, que me deu Israel Pinheiro: eu queria esse terreno aqui, esse que afinal conseguimos – toda parte de baixo, 300 hectares debaixo do Plano Piloto, e ele me deu 6 mil hectares a seis quilômetros de distância, e eu aceitei e disse: Bom, nós vamos fazer agora um Centro de Tecnologia do Cerrado...* ironizou Darcy Ribeiro. E, continuando o comentário afirma: *“em seguida um golpe pior, JK, o próprio, me chama para eu ter uma conversa com ele, difícil, um diálogo que de minha parte podia ser feroz, da parte dele era o mais delicado possível, mas foi um diálogo dos piores de minha vida, em que ele me disse que tinha recebido a visita de Dom Helder, falando da reunião dos Bispos e também falando da Companhia de Jesus em que argumentaram que a principal Universidade de Washington era uma universidade católica, e que eles aspiravam, sem despesas para o Estado, fazer em Brasília uma grande Universidade Pontifícia, uma grande Universidade Católica. E Juscelino disse: “Eu lavo as mãos”- e isso era horrível, porque Juscelino abriu mão da Universidade – Lavar as mão para não ficar nem com uma, nem com outra.*

Então, Darcy Ribeiro, segundo ele próprio escreveu teve uma “idéia diabólica”, ameaçando ao presidente Juscelino: *Olha, eu vou procurar os inimigos da Companhia de Jesus, porque são os cães de Deus - os dominicanos – só eles podem me ajudar.*

A resistência dos adversários de JK contra a construção de Brasília

No dia 03 de maio de 1957, ainda no chão bruto do Brasil-Central, numa região inóspita, o presidente da República Juscelino Kubitschek de Oliveira, assentava, definitivamente, o marco da construção de uma nova capital para o Brasil, com a realização da primeira missa de Brasília. Um ano antes, em 1956, o país ainda vivia

sob o impacto emocional do suicídio de Getúlio Vargas, ocorrido em 24 de agosto de 1954. Este fato favoreceu emocionalmente o projeto de construção de Brasília.

A morte de Vargas, agitou as correntes político – ideológicas que continuaram suas articulações com acentuadas divergências; umas, trabalhando, para a introdução definitiva do capital estrangeiro no País, outras pregando, idéias de sentimento nacionalista; no centro dessas divergências dois grupos sociais importantes: a burguesia nacional e o contingente assalariado. O primeiro sempre se sustentando com o sonho de um país internacionalista, para poder utilizar do capital externo e implantar indústrias, produzir uma agropecuária forte, exportar e manter uma elite política nacional, que a impedisse a participação cada vez mais crescente dos ideais nacionalistas; o segundo que queria, por sua vez, as reformas: agrária, educacional, fiscal, política e administrativa, todas contextualizadas nas aspirações dos blocos socialistas.

No Rio de Janeiro, centro cultural do Brasil, estava estabelecido o principal foco dessas divergências, alimentadas pela UDN conservadora, tendo o jornalista e deputado Carlos Lacerda como seu principal porta voz. Na outra ponta desse verdadeiro “iceberg”, mergulhado em profundas águas, o PTB com seu segmento nacionalista manobrando com os interesses dos trabalhadores, prestigiados pelas leis trabalhistas criadas e implantadas pelo presidente Getúlio Vargas; e o PSD que alinhava a corrente da classe média, disposta a incentivar o desenvolvimento, porém, conciliando o mais possível as idéias políticas da época.

Neste cenário político adverso, conturbado e hostil, é que JK governou o Brasil e enfrentou duras campanhas da oposição, sendo uma das principais encetada pelo senador Daniel Krieger. Este, não aceitava nem mesmo a legitimidade da eleição daquele político mineiro para a Presidência da República, e chegou a contestá-la da Tribuna do Senado: *A posse do Sr. Juscelino Kubitschek, se assemelha ao reconhecimento do filho ilegítimo, pelo casamento posterior...* Depois também diria Krieger em discurso no Senado: *Nos últimos meses do governo Juscelino Kubitschek, continuei, como vice-líder da UDN, a combater tudo que reputava errado... Finda a nossa missão, vi, com surpresa, deputados situacionistas entregando ao Presidente Juscelino Kubitschek listas de nomeações, principalmente nos órgãos da Previdência Social....* Estas são declarações históricas de uma oposição sistemática de Krieger, que influenciou negativamente sobre a construção de Brasília. O Senador também não perdeu oportunidade de critica-la à sua maneira sempre radical: *Dois dias antes da data oficialmente marcada para o transferência da capital, minha mulher e eu fomos para Brasília, hospedando-nos no Anexo do Brasília Palace Hotel.*

Ali permanecemos quatro dias, mudando-nos depois, para o apartamento que nos havia sido reservado, na SQS 105, Bloco “F”... A indigência de móveis e sua parcimoniosa distribuição causaram profunda revolta, chegando um deputado em sinal de protesto a incendiá-los. A nova metrópole não dispunha de condições para suportar o peso de uma capital da República. Somente um governo obcecado pela idéia

mudancista poderia ter fixado a data de 21 de abril de 1960 para promover a transferência da capital. A cidade inacabada oferecia o aspecto de um acampamento improvisado. Os que chegavam e os que nela permaneciam não dispunham do menor conforto. As deficientes refeições eram feitas em lugares inadequados, transformados em restaurante de emergência.

Numerosas ruas ainda não asfaltadas, “bridavam” os “sofredores” com torvelinhos de pó, durante a estiagem e com lama em profusão, no período chuvoso. Os fatores negativos faziam crescer as saudades do Rio e aumentavam o repúdio à nova capital. Naquele ambiente de angústia, depressão e revolta, iniciávamos nossas tarefas. O presidente, com os dias contados pela fatalidade dos prazos, despreocupou-se, totalmente, de Brasília.

Os “confinados” compulsórios da metrópole que se resignassem entre o irremediável, pois ele precisava concentrar sua atividade em assegurar a sua sobrevivência política. Nesse sentido continuou com o seu dinamismo e audácia. Uma vaga foi aberta no Senado, para que ele a ocupasse; e as medidas para o seu retorno, após o término do mandato do Sr. Jânio Quadros, foram múltiplas e evidentes. Juscelino Kubitschek de Oliveira transmitiu o poder a Jânio Quadros, candidato ostensivo à sua sucessão. A primeira e mais perniciosa consequência da mudança, tal como realizada, foi o esvaziamento do poder civil. A capital de uma nação, como afirma Blakstone, não pode ficar afastada de um grande centro, onde pulse a vida, onde a opinião pública se faça ouvir, onde a imprensa exista e encontre repercussão” - afirmava Krieger sobre Brasília.

Certamente, é desse tipo de inconveniente oposição que teria fugido JK, ao construir Brasília no Planalto Central. Inaugurando-a ainda em obras na data estabelecida pelo seu governo. Perturbado por uma imprensa discricionária, e partidária comandada pelo udenista Carlos Lacerda; no Rio de Janeiro, cidade onde havia concentrada uma população com opinião, pública exigente e muito mais identificada com o turismo, as belezas naturais da sua formação geográfica, e as suas praias; alimentando uma burocracia, que aniquilava o serviço público federal. O Rio de Janeiro era portanto, um centro político perigoso que não permitia mais a continuidade democrática das administrações federais e não podia, com certeza permanecer como a capital do País.

Epilogo

Juscelino sofreu muitas injustiças, durante e depois de seu governo, mas não deixou nunca de aceitá-las como designo da sua condição de político notável.

Entre essas perseguições, a mais profundamente sentida foi a cassação dos seus direitos políticos, e a perda do mandato de senador por Goiás. Estávamos nos primeiros momentos do Golpe Militar de 64, quando o Presidente Castelo Branco tomou a decisão: *A Revolução exige, para sua continuidade, a efetivação de novas cassações*. Os militares já haviam cassado o Senador Amauri Silva, que fora no governo João Goulart, Ministro do Trabalho.

Nem a interferência dos influentes amigos de JK conseguiu demover o general, no exercício da presidência, de sua intenção: *Não cassá-lo seria faltar com os meus deveres para com a Revolução*. Entre os aliados, JK contou a seu favor com Filinto Müller, José Maria Alkmin, Pedro Aleixo, Paulo Sarasate, Armando Falcão e Amaral Peixoto.

Filinto, após a cassação de JK renunciou a liderança do Governo dizendo: *Embora me conserve no propósito de auxiliar a Revolução, não poderia permanecer na liderança do sistema que cassa o candidato do meu partido*. Foi, Filinto, ironicamente, substituído, pelo senador Daniel Krieger.

Concluindo este nosso trabalho queremos repetir um trecho do discurso do então deputado estadual Ronaldo Canedo que em nome da bancada da Aliança Renovadora Nacional prestou homenagem em 1979, com um brilhante discurso por ocasião da solenidade legislativa comemorando a denominação do Plenário da Assembléia Legislativa de Minas Gerais, de Presidente Juscelino Kubitschek. Disse o deputado: *Esse o esmaecido esboço daquilo que o filho de Diamantina realizou, e se ele, ainda quando afastado da vida pública, fazia pulsar o coração dos brasileiros, se ódio jamais venceu, em sua alma, a força do perdão, Juscelino foi grande demais para seu tempo e seu meio. E, porque, realmente, ele reuniu em si todos os valores expostos, pertence ele, agora, ao maior tesouro humano que o Brasil poderia possuir e jamais esquecerá. A ele se aplica, com exatidão, este notável pensamento: 'Todas as gerações, todo passado de uma raça, se expandem nesses belos gênios, que são as flores maravilhosas duma raça. Esses gênios são a verdadeira glória dessa nação e todos, até o mais humildes devem orgulha-se dela; não aparecem por acaso, nem milagrosamente, mas representa o fecho dum longo passado e sintetizam a grandeza do seu povo e da sua raça'*.